



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9565 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

PAULO FREIRE E A INTERNACIONALIZAÇÃO: PRESENÇA NA EDUCAÇÃO INDIANA

Patrícia Correia de Paula Marcochia - UEPG - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Danilo Romeu Streck - UCS - Universidade de Caxias do Sul

PAULO FREIRE E A INTERNACIONALIZAÇÃO: PRESENÇA NA EDUCAÇÃO INDIANA

Resumo

O objetivo desse texto é apresentar e discutir a relação de Paulo Freire com o movimento de internacionalização, com ênfase na sua presença junto à educação dos povos indianos. Para isso, percorremos algumas obras de Freire e entrevistas que mencionam sua experiência ao sair de Recife para o mundo (FREIRE, 1978), sobretudo quando esteve na Índia. Ademais, consultamos obras de seus interlocutores sobre essa experiência, obras que discutem o conceito de internacionalização e a relação intrínseca com o conceito de cidadania global e interculturalidade. Por meio desse estudo, constatamos que Paulo Freire, durante o exílio, passou a se reconhecer existencialmente como um “bicho universal” (FREIRE, 1978), quando primeiramente reconheceu a sua história e o lugar que ocupa enquanto sujeito histórico no mundo. A viagem à Índia revelou que sua presença e sua obra inspiraram a educação escolar e não escolar dos povos indianos, sobretudo dos párias. Por sua vez, a Índia também inspirou Freire a expandir sua mente sobre uma filosofia universalista, que tem como fundamento as diversas formas de estar sendo no mundo e, como horizonte, o “ser mais”, como possibilidade individual e coletiva.

Palavras-chave: Paulo Freire; Internacionalização; Educação na Índia.

Introdução

A internacionalização está presente na prática da vida da humanidade e acompanha as metamorfoses, as adaptações e as complexidades dos desafios que se colocam ao planeta. Segundo Streck (2021), a internacionalização desde uma perspectiva crítica, envolve um movimento físico, cognitivo, afetivo e curiosidade epistemológica. Isso significa que a internacionalização nessa abordagem, abrange a presença física e mental, sentimento de

querer bem qualquer povo, como menciona Freire (1978) e interesse pela produção da vida e pela maneira de conhecer o mundo das diversas populações que habitam o planeta, portanto, trata-se de uma conexão profunda com a cultura do outro.

Nesse sentido, o objetivo desse texto é apresentar e discutir a presença de Paulo Freire na Índia e sua relação com a internacionalização e a educação da população indiana, uma perspectiva ainda pouco explorada. Para isso, percorremos algumas obras de Freire, artigos e entrevistas que mencionam sua experiênciana Índia. Ademais, consultamos obras de seus interlocutores sobre essa experiência e obras de autores que discutem acerca do conceito de internacionalização na educação.

O texto está dividido em duas partes, a saber: a primeira discute o conceito de internacionalização a partir de Knight (2020) e estabelece relações com as experiências de Paulo Freire acerca do movimento de internacionalização e a intrínseca relação com a cidadania global e a interculturalidade; a segunda descreve a viagem de Freire à Índia e relata algumas experiências que refletem a internacionalização do seu pensamento na educação dos/as indianos/as.

Paulo Freire e a internacionalização

O conceito de internacionalização proposto nesse texto dialoga com a definição proposta por Knight (2020), a qual compreende que cada contexto elabora suas finalidades de acordo com o que considera relevante para seu processo de internacionalização. Todavia, a autora define “internacionalização nos níveis nacional, institucional e setorial como o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções ou na oferta de instituições e sistemas de educação pós-secundária”. (KNIGHT, 2020 p. 26 apud KNIGHT, 2004, p. 11). A definição supracitada tem a finalidade de descrever o fenômeno da internacionalização numa perspectiva universal, no sentido de garantir que as particularidades dos sujeitos e das instituições tenham centralidade. Por sua vez, a definição revela a abrangência e a densidade da internacionalização, no que se refere à diversidade cultural, às relações entre países, nações e culturas e os objetivos que se colocam à esfera mundial.

Para Abba e Streck (2019), o processo de internacionalização implica algum tipo de interculturalidade visto que conecta a diversidade de povos de várias localidades do mundo, levando-os a se (re)conhecerem, se (re)encontrarem, a interagirem, a (re)agirem, a dialogarem e a se (re)inventarem globalmente, regionalmente e nacionalmente, seja por meio da mobilidade física, virtual ou outro meio de comunicação. Trata-se aqui de ver a internacionalização como um processo contínuo, dialético que resulta das interações dialógicas, e que, de forma simultânea, as alteram.

É com base nisso que estabelecemos algumas aproximações entre as experiências de Paulo Freire durante o período em que esteve no exílio, com o processo de internacionalização discutido acima. Nesse tempo, realizou muitas viagens por diversas regiões do mundo. Ribeiro (2009) teve acesso aos documentos sobre os itinerários de Paulo Freire quando esteve no Conselho Mundial de Igrejas (CMI), e destacou que foram cento e cinquenta viagens.

Paulo Freire na entrevista publicada no jornal Pasquim comenta sobre sua saída de Recife para o mundo e revela que é preciso explicar isso,

Porque parece muita falta de modéstia, um treco profundamente cabotino, falar de

minha universalidade como se eu fosse aqui um cara que se pensa um homem do mundo no sentido que se dá, quando se diz isso. Não, o que eu quero dizer é que sou, existencialmente um bicho universal. Mas só porque sou profundamente recifense, profundamente brasileiro. E por isso comecei a ser profundamente latino-americano e depois mundial. Eu sou capaz de querer bem, enormemente, a qualquer povo. (FREIRE, 1978, p. 10).

Freire ao justificar ser existencialmente um “bicho universal”, menciona que essa percepção só foi possível a partir do (re)conhecimento de sua existência, de sua história e de sua situação enquanto sujeito histórico, o que fortaleceu o seu diálogo intercultural com diferentes povos e nações.

Nesse sentido a compreensão de Freire sobre a diversidade cultural, assumiu outra direção a partir do exílio.

E como é diferente! Como tu não podes fazer juízo de valor a expressões culturais. A tua experiência com outros espaços históricos e culturais termina te ensinando até universaliza, rompendo com tua paroquialidade. Tu deixas de ser uma mente paroquial. Isso, então, significa uma abertura maior a outras formas de estar sendo. De outro lado o exílio possibilita a tomada de distância, não só geográfica, mas no tempo, do teu contexto original. Então, tu te re-admiras o teu contexto e ao fazer isso descobres uma série de outras coisas. Muitos brasileiros passaram a ser mais brasileiros a partir do exílio. (FREIRE, 1978, p. 11).

Observamos que a experiência de internacionalização de Paulo Freire possibilitou expandir sua mente para outras formas de “estar sendo” no mundo e isso o levou a romper com sentimentos que tentavam manter sua humanidade confinada numa porção limitada do mundo, nomeadamente a visão paroquial mencionada por Freire. Ademais, o exílio, possibilitou (re)contemplar sua realidade e tecê-la sobre novos fundamentos.

A viagem de Paulo Freire à Índia reflete um dos momentos em que ele aprendeu o sentido de universalidade. As conexões que ele teve quanto se deparou com o jeito de ser e de viver dos/as indianos/as e o impacto ao constatar a relevância de sua obra na educação dos/as indianos/as, possibilitou (re)inventar a si mesmo e a sua obra. Assunto discutido no próximo subtítulo.

Paulo Freire e a educação dos/as indianos/as

O Conselho Mundial de Igrejas possibilitou a Freire ir à Índia duas vezes, a primeira foi no dia 3 de maio 1973, quando permaneceu até o dia 20 de maio de 1973 e a segunda foi em 1979, no dia 07 de fevereiro quando ficou até o dia 14 de fevereiro. Segundo Ribeiro (2009, p. 140), havia uma agenda a cumprir em cada viagem. Sobre a primeira viagem:

Nos dias 4 e 5 teve encontros fechados em Nova Delhi com a Aiache (AllIndiaAssociation for Christian High Education) que é uma Associação Ecumênica que reúne instituições cristãs de ensino católicas, protestantes e ortodoxas, visando o trabalho conjunto para atender necessidades e servir às comunidades nacionais. Entre

os dias 7 e 12, Paulo Freire esteve participando de um Seminário Nacional sobre Educação e Mudança Social no Centro Ecumênico de Bangalore. O restante da viagem, de 13 a 20, Paulo Freire tratou sobre Educação nas cidades de Bangalore, Madras, Hyderabad e Nova Delhi. Também participou de um Seminário organizado por J.P. Nalk, assessor do Ministro da Educação da Índia. Também foi organizado um encontro de Paulo Freire com o Primeiro Ministro da Índia. (RIBEIRO, 2009, p. 140).

A segunda ida à Índia foi a convite de “P. T. Kuriakose, do Centro Internacional da Juventude para participar de alguns *workshops* e seminários sobre educação de adultos” (RIBEIRO, 2009, p. 157).

Paulo Freire, em depoimento à *Revista Lua Nova*, revela a sua emoção de quando chegou ao país e os diálogos que teve em conjunto com um coletivo de 25 educadores de diferentes regiões da Índia. Leiamos o que disse: “Aqueles homens discutindo algumas das sugestões, das proposições que eu faço da pedagogia, alguns com seus turbantes, outros sem, e em certo momento era como se eu me visse com um turbante também. No fundo eu era [...] um Paulo Freire reinventado na Índia”. (FREIRE, 1984, p. 2).

Em entrevista ao jornal *Pasquim*, Paulo menciona seu encontro com um grupo de estudantes indianos, com os quais dialogou acerca da obra *Pedagogia do Oprimido*:

Eu chegava à Índia, por exemplo, e encontrava um grupo de estudantes que me dizia: “olha nós conseguimos uma edição do teu livro, mimeografamos, estudamos dois meses e resolvemos ir para a prática, e é a prática que nós tivemos que queremos te contar”. Eu então passava duas ou três horas conversando com esses meninos e eles dizendo, tu escreveste este livro foi para nós porque é a mesma coisa (PASQUIM, 1978 p. 11).

A obra *Pedagogia do Oprimido* respondeu aos problemas que a Índia enfrentava. A presença de Freire, sua filosofia, sua pedagogia, impactaram a educação no âmbito escolar e não escolar.

Vale ressaltar que a Índia é um dos países com maior diversidade de povos, culturas, religiões, línguas e dialetos. Não obstante, diante dessa colossal diversidade, há uma casta considerada impura desde o seu nascimento, sem possibilidade de ascensão. Trata-se dos párias, considerados também como intocáveis ou dalits, os quais geralmente residem na área rural e encontram-se separados dos demais. Apesar da Constituição indiana de 1950 ter abolido o status de intocabilidade, proclamando a ilegalidade de práticas que reforçam essa condição, tal postura não foi suficiente para extinguir as práticas contra os párias.

Andreola (2010) menciona a respeito de um projeto de Educação Popular e Conscientização que foi realizado na Índia, em uma comunidade de párias. Essa experiência está descrita na obra de Weid e Poitevin (1978) intitulada, *Inde: les parias de l'espoir* (Índia: os párias da esperança).

Segundo Laborde-Kühn (1981), esse projeto foi desenvolvido durante três anos em sessenta aldeias de párias, conforme menciona a entrevista com Denis von der Weid (LABORDE-KÜHN, 1981). O projeto se inspirou na referência pedagógica de Paulo Freire, em Marx e em Gandhi. Inicialmente ele tinha a finalidade de reconstruir aldeias danificadas por ciclones, entretanto, as casas reconstruídas para os párias ficavam nas mãos das castas dominantes porque eles sempre estavam endividados e, para extinguir suas dívidas,

entregavam suas casas. Nessa direção, Weid percebeu que os párias só poderiam se libertar por eles mesmos por meio de uma ação coletiva, e um processo de conscientização organizado pelos próprios intocáveis. (LABORDE-KÜHN, 1981, p. 175).

A partir disso, emergiu a inspiração em Paulo Freire, com base no trabalho com palavras-chave, frases-chave e jogos de expressão cultural. Esse movimento envolveu a participação dos pais e das crianças, visto que como mencionava Freire, pais e filhos sempre se educam juntos. (LABORDE-KÜHN, 1981, p. 176). O projeto culminou na organização de um sindicato e na continuidade do trabalho em várias regiões da Índia.

Algumas considerações

Por meio desse estudo, constatamos que a internacionalização do pensamento de Paulo Freire se consolidou durante o exílio, nomeadamente no período em que atuou no Conselho Mundial de Igrejas como consultor especial do Departamento de Educação, no Instituto de Ação Cultural. Ademais, foi a partir desse movimento que Freire passou a se reconhecer existencialmente como um “bicho universal” (FREIRE, 1978), quando primeiramente (re)conheceu a sua história e o lugar que ocupa enquanto sujeito histórico no mundo. A viagem à Índia revelou que sua presença e sua obra inspiraram a educação escolar e não escolar dos povos indianos, sobretudo dos párias. Por sua vez, a Índia também inspirou Freire a expandir sua mente sobre uma filosofia universalista, que tem como fundamento as diversas formas de estar sendo no mundo, como possibilidade individual e coletiva.

A conexão indiana do pensamento de Paulo Freire desafia o prosseguimento dos estudos com a aproximação com o filósofo indiano Prabhat Ranjan Sarkar, o qual propôs uma filosofia neo-humanista, ancorada na ciência oriental e ocidental que tem como finalidade expandir o espírito do humanismo para um sentimento universal que se estende a todos os seres.

Referências

ABBA, M. J.; STRECK, D. R. Interculturality and Internationalization: approaches from Latin America. **Simon Fraser University Educational Review**, Canadá, v. 12, n. 3, p. 110-126, 2019.

ANDREOLA, B. A. Ásia. STRECK, Danilo, REDIN, Euclides, ZITKOSKI, José Jaime. **Dicionário Paulo Freire**, 2ª Ed., Belo Horizonte, Autêntica, 2010, p.48-49.

FREIRE, P. Entrevista com Claudius Ceccon e Miguel Darcy de Oliveira, In: **Pasquim**, nº especial 2, Rio de Janeiro, p. 7-11, 1978.

FREIRE, P. Intuição e fantasia para a educação de todos. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, vol. 1, p. 1-4, 1984.

KNIGHT, J. **Internacionalização da Educação Superior: conceitos, tendências e desafios**. São Leopoldo: Oikos, 2020.

LABORDE-KÜHN, A. M. Les parias de l'espoir: Entrevue avec Denis Von der Weid. **International Review of Community Development**. Canadá, n. 5, p. 174-178, 1981.

RIBEIRO, Mário Bueno, **Andarilhagens pelo Mundo: Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas – CMI**. Tese (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, Instituto Superior de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2009.

STRECK, D.R. **Aula Magna A internacionalização do pensamento freiriano e sua relevância para a educação latinoamericana**. Disponível em : <https://youtube.com/watch?v=WFvGcjS-yPQ&feature=share> Acesso em 15 de maio de 2021.

WEID, D. V. D.; POITEVIN, G. **Inde: Les Parias de L'Espoir**. Edition, L'Harmattan, Paris, 1978.